

“Juventudes escolares urbanas amazônidas, cultura digital nas redes sociais em tempos de políticas de ódio e ‘fake news’: uma análise em torno das vivências das juventudes em duas escolas de ensino médio de Belém-Pa.”¹

Mário Jorge Brasil Xavier - (Prof. UEPA/Doutorando PUC-Rio/UEPA)

Palavras-chave: juventudes, redes, vivências

Apresentação

As discussões em torno das formas de sociabilidades das juventudes, tanto as presentes na realidade social cotidiana, quanto as verificadas nas chamadas virtualidades das redes sociais, são atualmente instigantes, pois revelam uma diversidade de coletivos, vivências.

Numa retomada da discussão busco desenvolver um diálogo entre as teorias da educação e mídias, junto ao tema que pretendo abordar em minha pesquisa, que possui as seguintes questões: Como as juventudes escolares urbanas amazônidas no ensino médio, vivenciam práticas de socialidades nas escolas e redes sociais? e Quais as influências das informações midiáticas na formação das juventudes escolares urbanas amazônidas dentro do atual contexto da cultura de ódio e fake news?

Primeiramente, retomo as discussões em torno das formas de sociabilidades das juventudes, tanto as presentes na realidade social cotidiana, quanto as verificadas nas chamadas virtualidades das redes sociais, são atualmente instigantes, pois revelam uma diversidade de coletivos, vivências e opiniões, resultantes em conflitualidades, entendidas não apenas pelas consequências negativas e positivas, mas unificadoras de atitudes e discursos das mais diversas formas.

A juventude enquanto um período da vida do ser humano, sempre traz consigo, várias concepções do que venha a ser tal período, pois não se trata apenas de um momento da vida do ser humano, que se define pela geração ou pela idade da pessoa. A nosso ver, juventudes carrega consigo várias significações que os sujeitos adultos e os próprios jovens atribuem às suas vivências. É certo que há olhares que vêem as juventudes como despreparadas, por estarem em moneto de formação cultural, social e biológica. Por isso é fundamental, que as pesquisas com juventudes se orientam numa perspectiva de olhar estes temas sob uma peespectiva multifacetada.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

Relacionando a uma perspectiva dentro dos contextos escolares, onde estão presentes as juventudes periféricas, percebo que as mesmas são vistas de forma pejorativa, como se não houvesse perspectiva de futuro e responsabilidade para as mesmas. Nas realidades escolares temos as mais variadas formas de juventudes, é certo que não se pode reduzir o olhar a estas como contrárias às normas e inconsequente, é fundamental olharmos que os sujeitos nela inseridos, têm suas vivências, dotados de historicidade. Corrobora pra tal o argumento o que segue:

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. (DAYRELL, 2010, p. 42).

Desta forma, proponho abordar as juventudes respeitando as mesmas e a visão de que têm de si. É fundamental em uma pesquisa, ouvir e ver o que estas percebem e fazem, afim de que digam o que sentem e o que são. Há de certa forma uma explicação das juventudes por adultos, ou seja, se faz uma hierarquização do saber em que estas apenas sirvam de fonte para a coleta de dados, mas não como criadora de conceitos.

No contexto atual, as juventudes são vistas com ambiguidade, entre bem e mal, portanto, não constitui tarefa fácil procurar limites através de regras e disciplinas. Em se tratando de ambientes virtuais, estas reproduzem na maioria das vezes, o que a realidade da vida cotidiana expressa nas sociabilidades. Ainda na procura de definições, vê se que há uma sensação de auto-realização, prazer, narcisismos e um certo hedonismo, sentimentos presentes nas juventudes de forma diversas. Dayrell & Gomes afirmam que “Nunca as características e valores ligados à juventude, como a energia e a estética corporal ou mesmo a busca do novo, foram tão louvados, num processo que poderíamos chamar de ‘juvenilização’ da sociedade.”. Esta “juvenilização” está atrelada a um padrão de beleza, a prática do consumismo rituais onde as interações sociais se dêem maneira intensas.

Corroborando neste sentido, faz se uma retomada no conceito de geração, definido por Manheim (1982) quando procura distinguir os grupos de juventudes dentro de uma estrutura social, que estabelecem relacionamentos, produzindo alguma modalidade de sociabilidade. Para o autor, a juventude agrega consigo, estereótipos que caracterizam o grupo etário, há necessidade de vivenciar estes valores que aparecem como alvos principais dos jovens atualmente. Para ele, a noção de juventude não pode ser definida isoladamente, mas a partir das suas múltiplas relações e contextos sociais. Acrescentando que nos dias atuais, várias são

as percepções das juventudes, principalmente nas sociedades ocidentais “adultocêntricas” que rotulam e procuram sempre excluir certos padrões de juventudes.

Numa analítica antropológica, é possível afirmar que as discussões em torno das sociabilidades, dentre as quais as que afetam as interações virtuais, especificamente das juventudes, revelam certo desregramento social. O que conseqüentemente, culmina por deixar as juventudes e a própria sociedade, em constantes conflitos, sejam na realidade concreta ou no chamado mundo virtual.

A etnografia se vale da observação participante, devendo também continuar durante a própria elaboração da narrativa, ou de textualização da cultura e das relações entre humanos e não humanos presentes na realidade observada. Esta proposição, estabelece situações que podem ser definidas como as condições objetivas e subjetivas do fazer etnográfico, da observação feita. Tais desdobramentos possibilitam a definição de “lente do antropólogo”, ou seja, como ele irá visualizar, observando filigranas encontradas no seu campo de pesquisa para, a partir daí, anotar e descrever as situações vividas por ele neste processo.

Na perspectiva de Geertz, descrever é uma constelação de ideias guardadas em um relicário. Assim, é a partir deste emaranhado de relações, humanas, com objetos, códigos e símbolos que fazem um tecido ou teia social, que se pode identificar os mais importantes fatores de aprendizagem do antropólogo em seu caminho de conhecimento da realidade: a sua prática etnográfica.

Estar situado, se torna um pleno de significado, que é a capacidade da escrita do texto do antropólogo, por sua vez interpretado por aqueles que não passaram pelas experiências do autor do texto escrito. O pesquisador deve entender e validar o significado das ações de forma que este seja o mais representativo possível do significado que as próprias pessoas pesquisadas dariam à mesma ação, evento ou situação interpretada. A interpretação de um antropólogo, torna-se como que sua aprendizagem, que está expressa nas condições de um observador participante.

Nos argumentos feitos por Latour (2012), ao invés de privilegiar uma antropologia social que reduz o mundo a relações sociais, a ordem social em si está pressuposta em uma ordem material. É impossível tornar-se humano de outra forma além de socializar dentro de um mundo material de artefatos culturais que incluem a ordem, agentes e relacionamentos entre as próprias coisas e não apenas o relacionamento com pessoas. Os artefatos fazem muito além de apenas expressar a intenção humana. É possível afirmar que as discussões em torno das sociabilidades, dentre as quais as que afetam as interações virtuais, especificamente das

juventudes, revelam novas configurações sociais, entre humanos e não humanos, entre humanos e suas materialidades.

O uso cotidiano dos equipamentos que materializam as mídias massificadas, tais como os telefones celulares, conectados à internet, apresenta-se nas várias juventudes na atualidade. A criação de imagens e preconceitos sobre as juventudes contemporâneas, principalmente pelos discursos, interferem na maneira de compreender e perceber as diversas juventudes. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, onde o jovem é um “vir a ser”, tendo, no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Sob essa ótica, há uma tendência de encarar as juventudes na sua negatividade (DAYRELL & GOMES).

Em um período no qual as pessoas cada vez mais buscam aceitação e apresentação, por meio da virtualização, através das redes sociais, o uso de equipamentos de mídias ganham evidência. Até bem pouco tempo não se tinha a diversidade atual de redes sociais na internet, que parecem de imediato, expressão das visibilidades junto às comunidades humanas participam. A pertinência dos estudos sobre juventudes, educação e mídias na literatura acadêmica, problematizando as juventudes, escolares, conectadas, urbanas, que participam de ambientes digitais nas interações, construção de identidades, aprendizagens, lazer e participação política.

Ao procurar entender as vivências, envolvendo as juventudes, não apenas por meios midiáticos de comunicação, mas na realidade concreta, percebo a vida intensa no mundo virtual, com suas vicissitudes positivas, comunicação, informação, etc. – que trouxe consigo, um crescimento exponencial de atitudes e discursos de ódio, intolerâncias. Agindo de forma invasiva e preconceituosa em seus comentários nas redes, tais situações favorecem estas conflitualidades virtuais que se concretizam na prática vivida nos cotidianos, inclusive os escolares.

As redes sociais favorecem o compartilhamento de opiniões diversas, promovem uma construção e exposição de identidades, algumas vezes, sem o uso de regras, tornando-se espaço favorável para que se ampliem as conectividades, pois virtualmente são capazes de se propagar e atrair cada vez mais seguidores. As redes constituem-se como parte integrante do cotidiano, ocasionando grandes alterações na maneira como as pessoas fazem suas relações interpessoais, levando em conta toda a virtualização das informações. A relação não é entre emissor/receptor, mas é mais flexível, o sujeito pode ser ambas as coisas no mesmo tempo.

As juventudes enquanto usuárias das redes sociais, estabelecem “mediações comunicativas da cultura”, a medida que demonstram como essas ferramentas são utilizadas

para a construção das suas sociabilidades, conflituosas ou não, de atores e atrizes sociais. A publicação constante, pela maioria de usuários, de suas atividades diárias, pelo gosto musical, tipos de comidas, assim como os lugares que estas frequentam, são compartilhados com suas conexões, e estas mantêm uma relação entre si nas suas conexões diárias.

Em se tratando das postagens, naquilo que se consagrou chamar de *fake news* – os perfis falsos, evidenciam porque os aspectos virtuais têm grande importância na comunicação que já são tidos como identidades dos sujeitos no mundo real. Pensamos tais realizações como importante campo de estudo. Na leitura de Morozov (2018, p.182), “Quem está por trás das *fake news*”, inicia direto quando o mesmo enfatiza que:

A democracia está se afundando nas *fake news*”. Argumenta que o problema da proliferação desse tipo de notícia está em “alarmes falsos sobre *icebergs* gigantes no horizonte.

Morozov vai além de culpar apenas as *fake news*, mas acusa também a falta de interesse sobre o que provoca a derrocada da democracia. Para o autor, o principal problema não se dá a partir das notícias falsas, mas a contar dos fatores tecnológicos que permitem sua rápida proliferação, aliados às necessidades impostas pelo capitalismo digital que reconhece apenas compartilhamentos e cliques, transformando em verdade aquilo que é mais acessado.

Neste contexto de uso constante das mídias e presença nas redes sociais, o que se tem mais valor são curtidas, pretígio, fama, isso acaba tornando performáticas muitas interações nas vidas cotidianas. Esta comunicação é uma forma de relação que se estabelece preferencialmente entre as juventudes.

Nos argumentos de Santaella (2018) quando trata da “A propagação de notícias falsas”, a autora nos diz que “visam influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos” (p. 29). Em seu texto, a autora se vale de comentadores para chamar a atenção de que a falsidade de notícias é um fenômeno que existe desde os gregos e entrou em pauta recentemente com o histórico das notícias falsas produzidas e disseminadas para enganar em momentos cruciais. (p.7) acrescentam que as “[...] a expressão notícias falsas é um oxímoro que se presta a danificar a credibilidade da informação que de fato atende ao limiar de verificabilidade e interesse público - isto é, notícias reais”.

Desta forma, a propagação de *fake news* (NFs) pode ser entendida como fonte para ganho financeiro, manipuladas pela desinformação e desconfiança geral que influencia a visão das pessoas sobre os fatos, causando confusão (des)interessada e servindo para alimentar projetos políticos, como um processo de propagação das bolhas e de NFs. A autora refere que

um pouco menos prejudiciais são os memes, “uma criação popular crivada de imaginação visual”, no entanto, podem converter o riso com a finalidade de criticar em pretexto sensacionalista para difundir preconceitos, crenças ou mentiras, tendo como slogan “um jornal isento de verdade” (p.34). Há, ainda, a velocidade ímpar do jornalismo *online* com títulos e imagens apressadas que não permitem a verificação dos fatos, cuja potência propagadora tende a capturar as pessoas em bolhas que incubam seus próprios preconceitos.

No ambiente das redes sociais, os ataques são bastante conhecidos por boa parte dos usuários, que podem ser atacados por sua sexualidade, raça, gênero, escolhas política, postagens de imagens, defesa de movimentos e carreira. Dificilmente alguém deixou ou postou algo ou comentou e em menos de dois minutos recebeu vários *likes* e uma imensidão de opiniões contrárias a sua. A rede proporciona que vários usuários opinem, questionem e afirmem algo que muitas vezes é seu senso comum falando do fato apresentado.

Atualmente está bem mais comum nas vidas das pessoas, o fato de que o virtual se aproxima do real, as pessoas ficam dependentes disso e acham que essas atitudes são de suma importância para as suas vidas, assim ficam em um dilema de virtual e real. Ao procurar informações em locais não muito confiáveis, e tomar aquilo como verdade, até mesmo criar opiniões e argumentos através disso, na maiorias das vezes, nem questionam sobre o que lêem e vêem. É errôneo acreditar em tudo que se vê nas mídias sociais, além de que existe pessoas mal intencionadas dispostas a fazer e difundir mentiras para ganhar uma certa fama nas redes.

Os dispositivos tecnológicos podem ser projetados com o objetivo de produzir efeitos específicos para além dos seus usos imediatos, esses efeitos podem ser ao mesmo tempo positivos para alguns e negativos para outros no contexto capitalista, em que conhecimento científico, invenção tecnológica e lucro corporativo se retroalimentam. Neste processo em que as sociedades escolhem tecnologias como formas de construir a ordem social, que influenciam o trabalho, a comunicação, o acesso a bens de consumo e etc., os indivíduos possuiriam diferentes graus de poder e consciência.

O argumento de Santaella (2018) é crucial, quando a mesma fala das origens e rumores da pós-verdade, que surgem num momento caracterizado pela abertura e democratização do consumo de produtos, serviços e informações pela internet. A mesma, ao questionar se “A pós-verdade é verdadeira ou falsa?” chama a atenção para os desafios da incorporação de três novas palavras - bolhas, notícias falsas e pós-verdade. A mesma discute a complexidade da explosão digital que afeta todas as dimensões humanas e relações de interesses políticos e mercadológicos, abordando as metamorfoses e tendências superficiais em suas inter-relações pessoais, culturais e sociais. Seus argumentos nos ajudam a

compreender que as informações mentirosas tendem a desagregar os sujeitos e tornar invisível a humanidade, isolando os contextos da própria experiência do mundo real e os apelos da comunidade.

Santaella (2018) diz que a personalização feita por filtros de máquinas de buscas ou mídias sociais, promove segregação ideológica, tendenciosidades e reverberam no coletivo, porque torna as pessoas vulneráveis a manipulações, frequentemente a serviço de interesses unilaterais, com propagandas e fechamento dos usuários em bolhas de informações, estreitando visões de mundo. A invisibilidade de tais mecanismos empregados por poderosas companhias de tecnologia tem seu design destinado a retratar a própria bolha de desejos e crenças a que pertencemos. Trata-se de uma questão paradoxal, pois a retroalimentação da ideias cria um solo fértil para a polarização de opiniões desinformadas e radicais, que potencializam discursos de ódio. As recebermos informações que confirmam as nossas crenças, rejeitamos tudo o que rompe com nossos hábitos de agir e de pensar diferente, criando nossas próprias bolhas. Santaella (*op. cit*) alerta de que notícias e informações obtidas nas mídias sociais podem conter mais riscos de recair nas bolhas coletivas e no fortalecimento de preconceitos.

As buscas para expandir gostos musicais ou livros, também são classificadas por conteúdos parciais (de algoritmos, *softwares* e inteligência artificial) e baseadas na popularidade para fins mercadológicos. Em tempos de desinformação, pode a verdade do cotidiano perder sua validade, a educação também é ameaçada e mostra reflexos pela falta de ação coordenada ou reflexão dos professores, especialmente quando recebem livros didáticos com informações falsas, descontextualizadas ou equivocadas. Aliás, o enfrentamento da desinformação manifesta-se no debate coletivo da sala de aula e na análise da realidade, só assim recuperamos a dimensão formativa e humanizadora da educação, resistindo às dissimulações constantes nos dias atuais.

A autora desenvolve uma análise muito pertinente e nos convida à reflexão sobre questões contemporâneas da pós-verdade, em meio à indeterminação e ambiguidades dos fenômenos da linguagem na cultura virtual. Projeta a necessidade de regeneração da sensibilidade, da arte de educar, da literatura, da música e da poesia, para criar condições de possibilidade a um olhar (auto)crítico frente as novas manifestações. Ela discute à luz da questão da pós-verdade, que a educação é a melhor barreira de proteção às bolhas, falsificações de notícias e outras formas de ignorância em ação, porque busca em seus princípios culturais a veracidade dos fatos e conhecimentos. Sua obra contribui como alerta à disseminação de preconceitos e violências, para que os processos educativos sirvam ao

discernimento crítico dos discursos, à contradição e à diferença, uma forma de coordenar as diferentes leituras de mundo, em diálogo com as tradições democráticas. Um sentido posto em palavras requer a produção da intersubjetividade mesmo em condições transitórias, para promover a pluralização de formas e estilos de vida. Eis um desafio para os envolvidos na educação básica para a formação da cidadania e que respeitem as diversidades sociais.

Na atualidade, a juventude tem assumido um caráter contraproducente em relação a atitudes e valores. O uso cotidiano das chamadas TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), as mídias massificadas, através da internet, têm retratado a juventude de forma insidiosa. A criação de imagens e preconceitos sobre a juventude contemporânea, principalmente pelas mídias, interferem na maneira de compreender e perceber as diversas juventudes. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, onde o jovem é um “vir a ser”, tendo, no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Sob essa ótica, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade (DAYRELL & GOMES).

A necessidade por entender em parte, as vivências digitais se tornou recorrente, envolvendo um grande número de pessoas, não apenas por meios midiáticos de comunicação, mas na realidade concreta. A vida intensa no mundo virtual mesmo com todas as vicissitudes positivas, comunicação, informação, diminuição de distâncias, etc. – trouxe um crescimento exponencial de atitudes e discursos de ódio, intolerâncias, geradoras de crimes contra a integridade de outras pessoas, agindo de forma invasiva e preconceituosa em seus comentários nas redes, tais situações favorecem estas conflitualidades virtuais que se concretizam na prática vivida nos cotidianos, inclusive os escolares.

O mundo virtual é composto por seres humanos reais que devem ser responsabilizados pelos seus atos, mesmo que esses se dêem através de uma publicação, uma foto produzida por uma inteligência artificial ou comentários difamatórios ou falsos. Atitudes e comentários intolerantes acontecem de todas as formas, e se manifestam de vários lugares, potencializadas pela internet ou não, tomando uma dimensão gigantesca nas redes sociais.

É sabido, que a realidade virtual impacta a vida social de uma forma também negativa, haja vista que ela torna a pessoa dependente levando ao vício e a quadros de depressão e ansiedade. Os discursos de ódio, por estarem também muito presentes neste meio virtual, como os próprios crimes virtuais, onde ocorre o roubo de dados pessoais por meio de links, sites, encontram aceitação e potencializam diversos perfis que os reproduzem, etc... Pode-se dizer que mundo virtual tem aspectos positivos e negativos, o acesso a este cresceu exponencialmente, pessoas estão dependentes deixando de se relacionarem pessoalmente e

adentrando a uma realidade totalmente nova em relações fluídas ou extemporâneas, e o ser humano passando a se adaptar a essa forma de viver.

Atrizes e atores sociais na internet são a composição das redes sociais e pelo forte fluxo de informação, onde os mesmos adquirem personalidades diferentes, devem possuir características que os transformem em usuários e usuárias que alavanquem algoritmos, dos termos da informática, pois atualmente são necessárias para se viver em sociedade, e os que não atendem essas perspectivas são cada vez menos solicitados ou seguidos, etc.

A rede provoca uma relação maior entre opiniões diversas, promove uma construção e exposição de identidades, algumas vezes, sem o uso de regras, tornando-se espaço favorável para que discursos conservadores se ampliem pela conectividade, pois virtualmente são capazes de se propagar e atrair cada vez mais seguidores, agora em uma dimensão global. Preconceitos e concepções podem ser desconstruídos, porém ao mesmo tempo podem ser disseminados por setores radicais e fundamentalistas, com maior aderência e propagação.

Referências:

BANNELL, Ralph Ings; MIZRAHI, Mylene; FERREIRA, Giselle. (orgs.). **Deseducando a educação: mentes, materialidades e metáforas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; MORAES, Ceila Ribeiro de; SILVA, Jardinelio Reis da (Orgs.). **Juventude e Educação no Pará: Projetos de Vida**, Trajetórias e Gênero. Belém: IOEPA, 2021.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. **A juventude no Brasil**. In: <http://www.uff.br/obsjovem>. Acesso em: 15/10/2010.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

MOROZOV, E. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu, 2018. 189 p. ISBN 978-85-7126-012-2

SANTAELLA, Lúcia. **A pós verdade é verdadeira ou falsa?** [recurso eletrônico]. Barueri - SP: Estação das Letras e Cores, 2018. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/A_P%C3%B3s_Verdade_%C3%A9_Verdadeira_ou_Falsa/cfWADwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997,

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Editora Sulina. Porto Alegre, 2009.

SEGATA, Jean. RIFIOTTIS, Theophilos (Org.). **Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura**. ABA Publicações: Brasília, 2016.

MANHEIM, K. “O problema sociológico das gerações” [tradução: Cláudio Marcondes], In Marialice M. Foracchi (org), *Karl Mannheim: Sociologia*, São Paulo: Ática, 1982, pp. 67-95.

_____. “O problema da juventude na sociedade moderna”. In: Diagnóstico de nosso tempo, Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pp. 36-61.

XAVIER, Mário Jorge Brasil. **Nem anjos, nem demônios: etnografia das formas de sociabilidade de uma galera em Belém.** BELÉM: UFPA/CFCH, (mimeo), 200. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).